



Cristianismo, existência e individuação na filosofia de Kierkegaard

Christianity, existence and individuation in Kierkegaard's philosophy

Walace Alexsander A. Cruz¹

Resumo: Kierkegaard protestou contra a cristandade e, a seu modo, promoveu uma nova reforma na vida interior do cristianismo. Kierkegaard tentou resgatar o que ele denominava de *crístico*. O filósofo danês relega a experiência cristã a uma relação em que o indivíduo está posto sozinho diante do Absoluto, sem quaisquer mediações à exceção do próprio Cristo. O pensador de Copenhague entende como tarefa central da existência tornar-se si mesmo, quer dizer, individuar-se. Mas, segundo avalia, isso só é possível no mergulho do homem no Poder Absoluto que o criou; significa que a identidade do indivíduo está no SER. Portanto, para Kierkegaard, muito além de uma religião, o cristianismo é em seu sentido mais profundo, um caminho de individuação. Nosso artigo objetiva analisar como Kierkegaard elabora essa tese.

Palavras-chave: Cristianismo. Absoluto. Indivíduo. Individuação. Existência.

Abstract: Kierkegaard protested Christianity and, in his own way, brought about a new reform in the interior life of Christianity. Kierkegaard tried to rescue what he called the Christic. The Danish philosopher relegates the Christian experience to a relationship in which the individual is standing alone before the Absolute, without any mediation other than Christ himself. The thinker from Copenhagen understands that the central task of existence is to become oneself, that is, to individuate oneself. But, according to him, this is only possible in man's immersion in the Absolute Power that created him; it means that the individual's identity is in the BEING. Therefore, for Kierkegaard, far beyond a religion, Christianity is in its deepest sense a path of individuation. Our article aims to analyze how Kierkegaard elaborates this thesis.

Keywords: Christianity. Absolute. Individual. Individuation. Existence.

Introdução

Na Dinamarca do século XIX, tanto quanto contemporaneamente, o Estado não era laico, tinha uma religião declarada: o cristianismo, mais especificamente, o de matriz luterana. Assim como o catolicismo nos países cuja fé estava na Sé de Roma, na

¹ Mestrando em Filosofia na linha de Filosofia da Religião na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Especialista em Psicanálise pela Faculdade Batista de Minas Gerais. Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS).
E-mail: professorwalacecruz@yahoo.com

Dinamarca, à época, Estado e Religião estavam amalgamados. Enquanto o poder secular legitimava a Igreja, a Igreja abençoava o poder secular. Decorria disso que a própria cidadania dinamarquesa implicava na condição cristã do indivíduo, quer dizer, ser dinamarquês e cristão significava a mesma coisa.

Naquele período, os próprios pastores eram funcionários estatais, em linhas gerais, tornar-se pastor da Igreja incorria em um tipo de concurso público, em que o condecorado era contratado, assalariado e tinha os privilégios de um funcionário do Estado. O sentido da palavra *cristão* estava banalizado, mais do que o sentido da palavra em si, o próprio significado do que era ser-existir como um *cristão* havia se perdido inteiramente.

Ironicamente, a Igreja com a qual Kierkegaard travava seus embates não era a católica-romana que Lutero contestou, mas a Igreja Luterana que se comportava no século XIX de modo parecido ou ainda mais agudo do que a que seu patrono, o monge alemão, havia combatido em seu tempo. Na Dinamarca de Kierkegaard um conceito forte era o de *cristandade*. Grosso modo, significava a Igreja-Estatal-Luterana que, com seu corpo de pastores-funcionários, consideravam-se a representação do Cristo, o modelo cristão instituído entre e para os homens.

Entrementes, havia outros problemas com que Kierkegaard precisava lidar no horizonte de seus embates. Não bastasse a Igreja-Estatal-Luterana, na Europa do século XIX estava em moda o sistema filosófico de Friedrich Hegel (1770-1831). Em linhas gerais, o sistema filosófico de Hegel assentava-se numa perspectiva idealista racionalista cuja pretensão era compreender categorias universais explicativas que abarcassem o todo da existência. O detalhe é que o sistema de Hegel, no entender de Kierkegaard, lidava com categorias abstratas, enquanto ignorava o objeto fundamental da Filosofia: o próprio homem. Segundo Clímacus (pseudônimo de Kierkegaard) não apenas a Filosofia, mas o próprio Cristianismo tem esse “interesse infinito no sujeito individual” (KIERKEGAARD, 2013, p. 62).

Aqui nos apresenta outro problema que cruza, ainda que indiretamente, o horizonte do pensador dinamarquês. Segundo Karl Marx “um fantasma circunda pela Europa — o fantasma do comunismo” (MARX, 2012, p. 43). Ora, se o sistema de Hegel fundamentava-se na especulação, a *práxis* de Karl Marx, principal representante do materialismo no século XIX, tinha seu sustentáculo na realidade material em que o

homem estava inserido. Contudo, grosso modo, a *revolução do proletariado*, utopia para a qual a teleologia de Marx apontava,urgia uma *consciência de classe*, quer dizer, a organização dos homens como uma classe, povo.

Contudo, um pensador como Kierkegaard, que não está na esteira do pensamento político-militante, objetiva o radical oposto da massificação do homem. Como ponderam Almeida e Valls “sua produção tem como objetivo retirar o indivíduo da multidão” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 32). Bom, percebe-se a convulsão de ideias e ideologias que perpassam o horizonte do século XIX em que Kierkegaard está inserido.

Cada uma dessas perspectivas tinha uma ponderação em relação ao cristianismo. Para Hegel, grosso modo, o cristianismo estava relegado a um período de infância da humanidade. Ele que outrora proporcionava respostas, agora diante do advento da racionalidade beirava a insignificância. Marx em sua *Critica do Direito de Hegel* em 1844 denunciava que *a religião era o ópio do povo*.

Para Marx o cristianismo era um mecanismo de alienação das massas. Se tomássemos a Dinamarca de Kierkegaard, talvez o próprio pensador nórdico desse razão ao axioma do filósofo prussiano-alemão. Entretanto, o filósofo dinamarquês quer salvar o cristianismo da Cristandade. Nos números de seu periódico *O Instante* o pensador de Copenhague tece críticas contundentes à Cristandade e propõe um resgate do que ele chamava de o *crístico*. Ao contrário do que se pensava, o cristianismo, aquele que Kierkegaard vai denominar de *Cristianismo do NT (Novo Testamento)* não era um dispositivo de alienação, mas de libertação. Não se insurgia contra a singularidade do homem massificando-o seja para fins religiosos ou políticos, para Kierkegaard o Cristianismo do NT era, muito pelo contrário, um caminho de individuação, por conseguinte, de libertação.

Em sua densa produção, Kierkegaard esforça-se por responder a todas as questões que se põem em seu horizonte reflexivo. O cristianismo, a existência e a individuação estão no bojo dos problemas com que o pensador nórdico lida. Analisemos a tessitura de sua filosofia antropológica que abarca e interliga tais problemas.

1. A cristandade não representa o cristianismo

No número 1 de seu periódico *O Instante*² Kierkegaard é contundente “o cristianismo simplesmente não existe aqui entre nós na Dinamarca de hoje” (KIERKEGAARD, 2019, p. 12). Ao leitor do século XXI, especialmente não dinamarquês, escapa a dimensão que tal afirmação cuja circulação estava em um jornal que percorria toda a Copenhague provocara. Em nível de proporção, basta imaginarmos o que significou Lutero contestar a Igreja Católica no século XVI, em que não apenas a Alemanha, mas, o mundo era católico.

Kierkegaard estava inserido em uma realidade de mundo cristão-luterano. Como apontado, a Dinamarca era Luterana, mas o pensador de Copenhague provocava afirmando em um país cristão que, simplesmente, não existia o cristianismo naquele solo. É que o filósofo danês distingue cristandade de cristianismo. Em linhas gerais, a cristandade era uma instituição político-religiosa, enquanto o cristianismo no sentido institucional era antirreligioso e antipolítico.

No entender de nosso autor, é impossível um Estado-cristão porque o próprio cristianismo é oposição ao Estado em si. Em certo sentido, podemos perceber elementos anárquicos no pensamento de Kierkegaard³. Para o pensador nórdico “Estado e Cristianismo se relacionam de modo inverso ou, ainda melhor, se repelem mutuamente” (KIERKEGAARD, 2019, p. 75), portanto, seria uma contradição o conceito de um Estado-cristão, haja vista, a dissociabilidade entre ambos.

O filósofo danês critica a cristandade porque para ele o cristianismo é subversivo, enquanto a cristandade é passiva. No entender de Kierkegaard só se pode considerar-se cristão *em oposição*. Tomando a via do Novo Testamento, nosso autor avalia que Cristo foi oposição em todas as frentes com que lidou: do Império Romano, da religiosidade judaica, do farisaísmo predominante. A própria crucificação de Cristo é um atestado de sua condição de opositor-subversivo, não é acaso, que em sua cruz estava a inscrição “Rei dos Judeus” (João 19,19). Dentro da tradição romana, a acusação

² Kierkegaard cuja maior parte de sua obra foi escrita sob pseudônimos, quando da criação e veiculação deste periódico já se expunha de forma autoral. Entretanto, não pôde concluir o projeto, ao falecer em 1855, apenas um ano após criar o jornal.

³ E aqui, pedimos atenção ao leitor para o conceito de *anárquico*. Não tencionamos relacionar Kierkegaard ao movimento anarquista histórico em cuja esteira vieram pensadores como Pierre Joseph Proudhon (1809-1865) ou Mikhail Bakunin (1814-1876). Anárquico, aqui, utilizamos simplesmente no sentido etimológico da palavra, como define Abbagnano (2012, p. 62) “doutrina segundo a qual o indivíduo deve ser absolutamente livre em relação a qualquer instância impositiva, inclusive o Estado”.

pela qual o criminoso era crucificado vinha exposta no madeiro. Não havia como negar o caráter subversivo de Cristo, por conseguinte, do próprio cristianismo.

Em *O Instante* Kierkegaard ridiculariza a cristandade dinamarquesa. Segundo o pensador de Copenhague, a Dinamarca de seu tempo estava “na ilusão de ser cristã e de que é cristianismo o cristianismo de brinquedo de pastores” (KIERKEGAARD, 2019, p. 20). Deve-se ter em consideração que os pastores ocupavam uma posição prestigiosa. Eram autoridades eclesiais tanto quanto representantes do poder estatal. Entretanto, Kierkegaard desferiu ataques desmedidos aos pastores da cristandade dinamarquesa. O filósofo avaliava que enquanto os primeiros cristãos eram perseguidos pelo Estado, queimados por Roma, permitiram-se serem martirizados, os “cristãos” dinamarqueses, especialmente os pastores eram “funcionários do Estado, pagos pelo Estado, protegidos pelo Estado, com prestígio assegurado como funcionários reais” (KIERKEGAARD, 2019, p. 83).

Kierkegaard lidava com escárnio em relação ao conceito de cristandade. É nesse aspecto que consideramos que o pensador danês não se opunha àqueles que criticavam o cristianismo nas fileiras da Filosofia ou da Política. Para nosso autor, aqueles que teciam críticas ao cristianismo, não o teciam em sua essência, tal como era, considerando o NT. O próprio Kierkegaard era um crítico contundente daquilo que ele denominava de *cristianismo de brinquedo*, uma instrumentalização do Estado aproveitando-se da máscara cristã. Conforme denunciava “o Cristianismo, o Cristianismo do NT, não somente não existe, mas ficou, na medida do possível, impossibilitado” (KIERKEGAARD, 2019, p. 23). Logo, para o pensador de Copenhague, a cristandade não era ou sequer representava o cristianismo do NT.

2. Tornar-se si mesmo: cristianismo e individuação

Chamamos a atenção para o fato de que Kierkegaard não é um filósofo no bojo do pensamento político. Ainda que sua filosofia perpassasse por temáticas ligadas à Política, o escopo do seu pensamento está assentado na relação Eu-Absoluto. Tal consideração tona-se importante como apontamento preliminar, considerando o fato de que nosso autor contesta o conceito em moda à sua época de *en masse*. Significa que a ideia de massificação do homem é inadmissível na filosofia de Søren Kierkegaard.

Assim, o pensador de Copenhague contesta a cristandade vigente, pois assegura que “o Cristianismo se relaciona inversamente à quantidade” (KIERKEGAARD, 2019, p. 75), quer dizer, para ele ao contrário do que se empreendia na cristandade, o cristianismo não é um dispositivo de quantificação do homem, não o torna meramente parte de uma massa; o que para o filósofo danês significaria um atentado àquilo que para ele era fundamental: a individualidade humana. Como bem observa Abbagnano (2012, p. 640) “em Kierkegaard, essa exaltação do *indivíduo* é acompanhada pela desvalorização da categoria público, em que o *indivíduo* desaparece”.

É nesse contexto em que o homem se torna uma categoria conceitual-abstrata ou metafísica que Kierkegaard interpela com sua crítica. Segundo o filósofo danês, os filósofos traíram a Filosofia ao abandonar o objeto central de sua reflexão: o próprio homem. Em sua tese intitulada *O conceito de Ironia constantemente referida a Sócrates*, Kierkegaard retoma o filósofo grego como modelo-paradigmático do modo de fazer filosofia. O pensador de Copenhague rememora que a inscrição no Templo de Delfos *Conhece-te a ti mesmo* foi o elemento fundamental que proporcionou uma virada radical na história da Filosofia.

Antes de Sócrates, grosso modo, com os filósofos naturalistas, a preocupação da Filosofia estava na descoberta da origem do cosmos, portanto, era de viés cosmológico. Com Sócrates, a Filosofia se torna fundamentalmente antropológica, quer dizer, põe o homem como objeto central de sua investigação. Quem nós somos? Quem eu sou? Eram perguntas fundantes da Filosofia que permearam Sócrates e seus discípulos. Mas, para Kierkegaard houve um desvio histórico da Filosofia, uma apostasia em relação à sua proposta greco-originária. Para o pensador de Copenhague contemporâneo a Hegel cuja filosofia alcança o auge da especulação, aquilo que chamavam de Filosofia era, a bem da verdade, uma anti-filosofia.

Kierkegaard, em seu *Post-Scriptum*, usa uma metáfora para tentar descrever a condição do homem no contexto da filosofia especulativa. Segundo nosso autor “a história do mundo talvez seja um drama, uma peça teatral, que talvez continue, mas o espectador morre e sua contemplação, talvez tenha sido um importantíssimo passa tempo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 160). Para o filósofo danês, os especulativos eram alienados em relação à existência. Enquanto especulavam não se davam conta de que estavam no palco, deveriam ser atores, assistiam enquanto deveriam protagonizar.

Nesse ponto, surge um conceito-chave em Kierkegaard: o de *existência*. Para o pensador de Copenhague, o especulante não se dava conta de que era um existente. Segundo o filósofo danês “existência é aquilo que abre espaço” (KIERKEGAARD, 2013, p. 124). A existência é o que foi dado ao homem pelo Absoluto, é a possibilidade da construção de si, da invenção do *eu* no paradoxo da vida; do entrecruzamento entre a síntese que aponta para a condição do homem: é necessidade, mas não é determinado. É possibilidade, por isso pode, a partir da existência, elaborar sua essência. Daqui surgem os fundamentos do que posteriormente será denominado de *Existencialismo*.

O filósofo danês critica a filosofia especulativa. Segundo avalia, ela “explica tudo, menos a si mesma” (KIERKEGAARD, 2013, p. 150). Cabe chamar atenção, Kierkegaard não quer de modo radical combater todo e qualquer modo filosófico-especulativo, é que em seu contexto, a Filosofia ocupava-se predominantemente do abstrato, conceitual, metafísico, sobre-humano, enquanto o pensador nórdico quer devolver à Filosofia sua ocupação primária: o homem. Nosso autor pondera que “ser humano é algo que foi abolido” (KIERKEGAARD, 2013, p. 131). Para ele, a contradição estava instaurada, a Filosofia que deveria se ocupar do homem, com tudo se ocupava, exceto, com o próprio homem.

Percebia-se que o homem quando pensado, era-o em termos também abstratos. Como aponta no *Post-Scriptum* a Filosofia lidava com o homem de modo conceitual-massificado: gênero humano. Kierkegaard (2013, p. 161) ironiza “mas que coisa abstrata é essa de gênero humano?”. Assim, o pensador de Copenhague objetiva reencontrar a individualidade, propõe a ideia do *si mesmo*, uma nomenclatura moderna para falar de algo longamente discutido na tradição filosófica que remonta a Avicena, Aristóteles, Tomás de Aquino, Duns Scot, etc., a saber: a *individação*⁴.

Abbagnano (2012) pondera em relação à individação que “o primeiro a formular esse problema foi Avicena” (ABBAGNANO, 2012, p. 636). Segundo Avicena (apud ABBAGNANO, 2012, p. 636) “tudo o que é tem uma substância graças à qual é o que é e graças à qual é a necessidade e o ser daquilo que é”. Significa que a substância era o elemento distintivo da individualidade no homem. Aristóteles pensava a matéria como aquilo que individuava o homem, enquanto Tomás de Aquino, leitor de

⁴ Por sinal, observamos que naturalmente em cada um desses autores, há uma compreensão do conceito de modo distinto.

Aristóteles, discorda do mestre ao apontar que não a matéria, mas o que ele denominou de matéria *signata* era esse elemento propulsor da individuação. De acordo com Aquino “um homem é diferente de outro porque unido a determinado corpo, diferente pelas dimensões, ou seja, por sua situação no espaço e no tempo, dos corpos dos demais homens” (apud ABBAGNANO, 2012, p. 637).

Duns Scot discorda de Aristóteles e Aquino. Conforme pontua Abbagnano em Scot:

A individualidade consiste numa última realidade do ente que determina e restringe a natureza comum à individualidade [...] desse ponto de vista, o indivíduo não é caracterizado pela simplicidade de sua constituição, mas pela complexidade e riqueza de suas determinações. (ABBAGNANO, 2012, p. 637).

Kierkegaard parece-nos alinhar mais próximo de Duns Scot, a considerar o fato de que para ele, o homem é essa complexidade e riqueza, não determinado, mas possível de determinar-se e fazer-se. Entrementes, perguntamos: mas onde o cristianismo se encaixa nessa reflexão? Para o pensador de Copenhague, precisamente no âmago de toda a discussão. Se para a cristandade o cristianismo era dispositivo propulsor do *en masse*, nosso autor, toma uma via radicalmente oposta. A começar de modo *lato sensu*, Kierkegaard lida com o conceito de religião de modo divergente do convencional. Segundo o filósofo no *Post-Scriptum* “o processo do desenvolvimento da subjetividade religiosa tem, com efeito, a peculiar característica de o caminho nascer para o indivíduo e fechar-se atrás dele” (KIERKEGAARD, 2013, p. 69). Significa que para o pensador de Copenhague a religião não é entendida nos moldes da externalidade, quer dizer, como a aglutinação de uma massa em torno de algo sagrado cuja característica fundamental é a vida comunitária.

O filósofo danês relega a religião ao horizonte da subjetividade. Logo, *stricto sensu*, a religião não é um fenômeno social, mas uma ocorrência pessoal, individual, interior. Religião para Kierkegaard é a vida interior onde o homem lida com o Absoluto que se põe em relação pessoal com sua criatura. Religião na filosofia kierkegaardiana é o abrir-se do homem ao Absoluto e o fechar-se na pessoalidade da relação íntima entre o Eu e o SER.

Decorre disso que o cristianismo, no entender de Kierkegaard, não é a instituição político-religiosa como se pensava em sua Dinamarca. É o próprio pensador de Copenhague que define o cristianismo no *Post-Scriptum* “o cristianismo é espírito; é interioridade; interioridade é subjetividade; subjetividade é essencialmente paixão e, em seu máximo, uma paixão infinita e pessoalmente interessada na felicidade eterna” (KIERKEGAARD, 2013, p. 38). Escapa-nos o escândalo dessa afirmação no contexto de Kierkegaard onde o empreendimento de tornar o cristianismo objetivo era obsessivo.

Todavia, admitir o cristianismo como interioridade se entrecruza com a própria condição do homem enquanto tal na antropologia do pensador de Copenhague, quer dizer, o homem é interioridade. É nesse horizonte onde a realidade efetiva do homem está estabelecida. Para o filósofo nórdico “a mais alta tarefa do homem é tornar-se subjetivo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 165), quer dizer, enquanto acusava a filosofia especulativa porque para eles “os seres humanos individuais nada significavam” (KIERKEGAARD, 2013, p. 165), seu projeto filosófico é justamente um retorno ao socrático, à redescoberta do que é o homem, não enquanto um conceito-especulativo, uma abstração-metafísica, mas enquanto existente, um ente no mundo permeado pela realidade efetiva que se desdobra diante de si. Kierkegaard (2013, p. 152) insiste que “não se aprende a viver sem experimentar a vida”. A existência se descobre no existir.

Assim, o cristianismo é entendido como dispositivo fundamental na individuação do homem. Isso porque se Kierkegaard entende como a tarefa seminal da existência tornar-se subjetivo e, se essa tarefa pressupõe um mergulho na interioridade, logo, o cristianismo que é interioridade, é a via que encaminha o homem ao seu caminho de individuação. O filósofo danês é incisivo “o cristianismo quer que o sujeito se preocupe consigo mesmo” (KIERKEGAARD, 2013, p. 135).

Para Kierkegaard a despeito da liberdade dada ao homem, ainda que seja necessidade, conjuntamente, o homem é possibilidade. Mas, em última instância, é no mergulho no Absoluto que o homem encontra então o si mesmo. Individuação em Kierkegaard é tomar da sua liberdade para escolher tornar-se o que o Absoluto designou-lhe ser. É tornar-se ser no encontro do SER. Segundo o pensador nórdico “é conquistar aquela originalidade [...] sua origem eterna” (KIERKEGAARD, 2013, p. 159). Nosso autor retoma, a seu modo, Agostinho, que em suas *Confissões* ponderava

sobre a relação homem-Absoluto “o fizeste rumo a Ti e nosso coração é inquieto, até repousar em Ti” (AGOSTINHO, 2017, p. 37).

Considerações finais

Kierkegaard é um filósofo que faz frente às questões polêmicas que efervesciam em seu tempo. Em um contexto em que o cristianismo era duramente atacado seja pelo idealismo racionalista ou o materialismo ateu, o pensador nórdico chama atenção ao que se entendia por cristianismo, pontua que uma ausência de clareza do fenômeno incorria em uma generalização cuja crítica não se sustentava. Para ele, o cristianismo tal como proposto no NT em nada tinha associação com a cristandade vigente em sua época. O pensador nórdico esforçou-se por demonstrar as contradições da cristandade iluminado pela experiência dos primeiros cristãos. Considerava cristianismo somente o *crístico*, quer dizer, aquilo que se alinhava ao modo de ser-existir de Cristo, o grande paradigma existencial posto não somente ao cristão como ao mundo de modo geral.

Segundo a fé cristã, em Cristo, Deus se encarnou no mundo. Para Kierkegaard, na encarnação está o paradoxo da existência. Deus renuncia à eternidade para tornar-se um existente na individualidade da pessoa de Cristo. Individuação só é possível na existência; existir é encarnar-se no mundo, experimentá-lo, lidar com o desespero e a angústia que permeia nossa condição. É lidar com a realidade efetiva que ocorre na relação interioridade-realidade exterior. É se tornar indivíduo e não se permitir, apenas ser parte da massa. É o que Cristo fez. Assim, Cristo se torna o supremo paradigma do desafio posto ao homem de tornar-se existente. De individuar-se.

É no horizonte de sua compreensão do cristianismo que Kierkegaard pensa o desafio da existência, a saber, tornar-se si mesmo. Não poderia a cristandade cujo objetivo era massificar e alienar o homem ser o Cristianismo do NT. Kierkegaard negava a ideia de cristianismo ligada à institucionalidade. Segundo o pensador nórdico, o cristianismo é interioridade. Ora, se tarefa do homem é voltar-se a si mesmo, para descobrir o si mesmo, logo, o cristianismo é a via que encaminha o homem a tal empresa.

O filósofo danês apontava o cristianismo como caminho de individuação. Assim o fazia porque em sua filosofia, na esteira de Agostinho e Pascal, o homem só



encontrava a si mesmo no encontro do Absoluto. Deste modo, a individuação pressupõe a relação Eu-Absoluto e para Kierkegaard, é o que o cristianismo do NT faz: põe o homem em relação pessoal e íntima com o Absoluto onde por fim, encontrando-O, encontra a si mesmo.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada por Alfredo Bossi. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2012.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Lorenzo Mammì. São Paulo. Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Álvaro L.M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução Ephraim F. Alves. 3ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2011.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Tradução de Álvaro L.M. Valls- Bragança Paulista: Editora Universitária, Vozes, 2013.

_____. **Desespero humano**. Tradução Adolfo Casais Monteiro. São Paulo. Editora Unesp. 2010.

_____. **Discursos edificantes em diversos espíritos-1847**. Tradução de Álvaro L.M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

_____. **Migalhas Filosóficas ou um bocadinho da filosofia de João Clímacus**. Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

_____. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Tradução de Álvaro Luiz Monteiro Valls- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. **O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Tradução Álvaro L.M. Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. **O Instante: como Cristo julga a respeito do cristianismo oficial e Imutabilidade de Deus- Um discurso**. Tradução Álvaro L.M. Valls, Marcio Gimenes de Paula. São Paulo, Liber Ars, 2019.

_____. **Pós- Escritos às Migalhas filosóficas, vol. I**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013- (Coleção Pensamento Humano).



_____. **Pós- Escritos às Migalhas filosóficas, vol. II.** Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida- Petrópolis, RJ: Vozes, 2016- (Coleção Pensamento Humano).

_____. **Temor e Tremor.** Tradução e Prefácio Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 2012.

NOBREGA, Francisco Pereira. **Compreender Hegel.** 7ª Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2011.

PAULA, Márcio Gimenes de. **Kierkegaard em diálogo com a tradição filosófica.** São Paulo. Editora Intermeios, 2016.